

Infância e pandemia: uma atividade de escuta com crianças

Childhood and the pandemic: listening to children's perspectives



Diego Barrios *

Gleuze Pereira Marinho Moura **

Ozenilde Santos do Nascimento ***

Recebido em: 5 abr. 2023
Aprovado em: 26 maio 2023

Resumo: O trabalho analisa de forma crítica a temática da infância no contexto da pandemia da Covid-19. Inicialmente, dialoga com as formulações teóricas do campo dos Estudos da Infância para dar visibilidade aos impactos diretos e indiretos da pandemia para as crianças, seja pela perda das atividades presenciais na escola, de suas rotinas e mobilidades; o afastamento em relação a familiares e pessoas queridas; a impossibilidade de ver amigos. Em seguida, apresenta um relato de experiência realizado a partir de uma pesquisa participante de escuta das crianças sobre suas vivências na pandemia, seus sentimentos, medos e suas estratégias para lidar com o duro processo de enfrentamento do vírus. O relato diz respeito a uma iniciativa de escuta realizada em 2022 com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública do Distrito Federal, onde uma das autoras atua como docente. A atividade consistiu na elaboração de desenhos sobre as memórias e vivências das crianças relativas à pandemia. Houve um cuidado dos pesquisadores no processo de construção do consentimento das crianças para a participação na atividade proposta. Tal processo foi caracterizado pelo respaldo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. As crianças se posicionam diante dos impactos da pandemia e identificam aspectos positivos e negativos desse período. Por fim, o trabalho indica a necessidade investigar possíveis impactos causados pela crise sanitária da Covid-19, na vida das crianças de uma escola do Distrito Federal e assim contribuir na integração de uma maior diversidade de infâncias aos processos de escuta das crianças em momentos de crise como o atual.

Palavras-chave: Infância. Covid-19. Estudos sociais da infância. Pesquisa com crianças.

Abstract: The work critically analyzes the theme of childhood in the context of the Covid-19 pandemic. Initially, it dialogues with theoretical formulations in the field of Childhood Studies to give visibility to the direct and indirect impacts of the pandemic on children, whether due to the loss of face-to-face activities at school, their routines and mobilities; distancing from family and loved ones; the impossibility of seeing friends. It then presents an experience report carried out based on a participant survey of listening to children about their experiences in the pandemic, their feelings, fears and their strategies to deal with the hard process of coping with the virus. The report concerns a listening initiative carried out in 2022 with children in the 4th year of Elementary School I at a public school in the Federal District, where one of the authors works as a teacher. The activity consisted of drawing up drawings about the memories and experiences of children related to the pandemic. The researchers were careful in the process of building the children's consent to participate in the proposed activity. This process was characterized by the support of the Free and Informed Consent Term - TCLE. The children take a stand on the impacts of the pandemic and identify positive and negative aspects of this period. Finally, the work indicates the need to investigate possible impacts caused by the health crisis of Covid-19, on the lives of children in a school in the Federal District and thus contribute to the integration of a greater diversity of childhoods into the processes of listening to children in times of crisis like the current one.

Keywords: Childhood. Covid-19. Social studies of childhood. Research with children.

* Diego Barrios é doutorando em Educação no PPGE – UnB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0083967092315357>. Contato: dub.diego@gmail.com.

** Gleuze Pereira Marinho Moura é mestrandia em Educação no PPGE-MP (Universidade de Brasília - UnB). Professora de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: glemarinho@yahoo.com.br

*** Ozenilde Santos do Nascimento é mestrandia em Educação no PPGE-MP (Universidade de Brasília - UnB). Coordenadora Pedagógica de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: ozenilde.sc@gmail.com

Introdução

O presente trabalho analisa de forma crítica a temática da infância e das crianças no contexto da pandemia da Covid-19. O relato em questão surge a partir de uma atividade de escuta das crianças sobre suas vivências na pandemia, seus sentimentos, que geraram impactos para tantas crianças brasileiras, afetando-as direta e indiretamente, seja na perda da escola presencial, de suas rotinas e mobilidades, o afastamento em relação a familiares, demais pessoas queridas e a impossibilidade de ver os amigos.

A ameaça do vírus radicalizou os contrastes sociais historicamente configurados, as marcas do desemprego, da fome profunda, situações de extrema miséria que voltaram a se fazer presentes, ampliando o panorama de perda de direitos para diferentes populações, entre elas, as crianças. A situação emergencial de saúde pública e seus desdobramentos políticos e econômicos agravaram as condições daqueles que já se encontram em posições vulneráveis: a pandemia explicitou as estruturas já existentes, mas também consolidou novas desigualdades. Tal conjuntura exige agilidade na formulação de políticas de atenção que considerem as necessidades particulares das crianças como grupo etário amplamente atingido (CEPAL, 2020).

Este estudo propõe relatar e fazer considerações acerca de uma pesquisa participante realizada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública do Distrito Federal. Para Demo (2004) a pesquisa participante deve ser flexível e ajustável, uma vez que busca diminuir ou acabar com as limitações que existem numa pesquisa tradicional, ou seja, conhecer e atuar para encontrar uma ação de transformação que vise benefícios para o grupo pesquisado. Partindo dessa perspectiva, houve um cuidado dos pesquisadores em construir o consentimento das crianças em participar da pesquisa, processo que foi marcado pelo uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Além disso, o presente trabalho resguarda as identidades e nomes originais das crianças para não causar nenhum tipo de exposição.

No Primeiro momento do estudo propomos um diálogo com a bibliografia sobre o tema e, em seguida, vivenciamos um encontro com as crianças onde foram desenvolvidas conversas sobre a pandemia Covid-19 e atividades por meio de desenhos como forma de observação das experiências e recurso para o diálogo e a escuta. A partir disso, surgiram as inquietações por entender: que impactos podem ter ocorrido na vida das crianças com a crise de Covid-19? E, portanto, nos propomos a investigar possíveis impactos causados pela crise sanitária da Covid-19, na vida das crianças de uma escola pública do Distrito Federal.

O texto é organizado a partir dos seguintes tópicos: Infância durante a pandemia Covid-19; estudos da infância e a pandemia; escuta das crianças sobre sua infância na pandemia; e as considerações finais.

1. Infância e crianças durante a pandemia Covid-19

As políticas de confinamento e de fechamento das escolas representaram mudanças drásticas na vida das crianças. Tais impactos, no entanto, não são iguais para todas as crianças e são sentidos de maneiras particulares, sobretudo em uma sociedade socialmente e economicamente desigual como a brasileira. Em função dessa disparidade estrutural, a perda de direitos também é profundamente desigual e, portanto, há diversos cenários e impactos para diferentes infâncias do país. Em relação ao ensino formal escolar, que se alterou radicalmente durante a pandemia, a primeira preocupação levantada é que as lacunas impostas por tal conjuntura trarão impactos na trajetória futura das crianças. Esta concepção se sobrepõe a um pensamento que considera as urgências das crianças no tempo atual, presente, o tempo da própria vida. Um dos temas centrais que emergem no debate sobre o impacto da pandemia nas vidas de crianças diz respeito às perdas de suas rotinas, espaços e tempos, sobretudo à perda da experiência escolar e o contato com os amigos, professores, e demais sujeitos da escola.

Desde um ponto de vista crítico, Paiva Alves de Oliveira (2021) discute esta questão a partir da contribuição teórica de autores da Escola de Frankfurt, em artigo que denuncia o empobrecimento das relações, das trocas, e dos processos de aprendizagem significativa em função da alteração radical das rotinas das crianças, decorrente do cenário de confinamento. Os desdobramentos da pandemia no Brasil foram marcados pela atuação precária do governo federal, recorrendo a estratégias de prevenção sem embasamento científico que induziram a população a ações que não condizem com as orientações e indicações feitas pela Organização Mundial da Saúde. Kohan (2020) discute o cenário brasileiro e aponta que a pandemia explicita um recorte a partir do qual se criam relações de inteligibilidade sobre diferentes aspectos e condições de vida das crianças.

Macedo (2020) reflete sobre as relações entre infância e sociedade no contexto pandêmico ao trazer o termo “a criança como estorvo”. Ela destaca que, no curso da pandemia, foram predominantes os discursos em tom de brincadeira como: “não aguento mais essas crianças em casa”, “não vejo a hora das escolas abrirem”, “só a professora para ter paciência” retratam como a criança é percebida na organização dos espaços sociais – há a impressão de que elas devem

estar “guardadas” de modo que não atrapalhem a vida produtiva, no caso a vida dos adultos, mesmo que estes sejam seus pais, mães, familiares.

Dentro dessa perspectiva de “a criança como estorvo” é posto em destaque a trágica situação do menino Miguel Otávio Santana da Silva, de cinco anos, que perdeu a vida ao cair de uma altura do prédio em que a mãe era empregada doméstica, ao ser negado cuidados pela patroa da mãe. Esta o abandonou por incomodar-se com seu choro, com o seu desalento por estar longe da sua genitora. Aqui é válido destacar que Miguel Otávio era uma criança preta, periférica, filho da empregada doméstica, uma mulher negra. Estas são questões fundamentais e que não podem ser perdidas de vista ao analisar a infância como categoria social.

O relatório¹ Desigualdades e impactos da Covid-19 na atenção à primeira infância (2022) apresentam análises quantitativas que apontam e denunciam o agravamento do desemprego e da fome vividos por tantas famílias brasileiras como um aspecto central dos impactos da pandemia para as crianças vivendo em extrema vulnerabilidade. Não foi uma crise pontual de saúde, mas uma conjuntura de agravamento das crises econômica e política do país, sobretudo ao considerar que não se verificou a mobilização do governo federal no sentido de formular políticas próprias de atenção à infância no contexto pandêmico. Particularmente no Brasil do governo Bolsonaro, as crianças foram vítimas de uma quase total falta de políticas de atenção específicas à infância ou “qualquer política pública voltada para as crianças, em flagrante desconsideração dos seus direitos de serem prioritariamente protegidas” (SILVA *et al.*, 2022, p. 208).

2. Escuta das crianças: diálogos sobre experiências no contexto pandêmico

Destacar a complexidade da presença (ou ausência) de crianças na vida social tem sido a proposta central de um campo interdisciplinar conhecido como Estudos da Infância, que compreende um vasto número de disciplinas, teorias e metodologias distintas, mas que partilham alguns princípios como a compreensão da infância enquanto fenômeno social e cultural complexo e a definição de infância como uma categoria social estrutural de tipo geracional (QVORTRUP, 2011, 2014).

Este autor é considerado um pioneiro nos Estudos da Infância contribuiu para a pesquisa com crianças ao definir a infância como categoria sociológica que pode ser verificada e analisada em suas interações com as diferentes estruturas sociais nas suas escalas micro e macro. Portanto, para discutir e analisar os processos da infância e suas diferentes expressões no mundo

social, é necessário associar esta categoria a outras categorias estruturais das ciências sociais, como gênero, raça, classe, geração, família e cidadania. Esse campo se desenvolveu a partir da crítica às representações de infância como etapa de preparação para a vida adulta, a criança como promessa de realização futura, à margem da sociedade e, portanto, carente de um processo de socialização e institucionalização que as insere na ordem política, econômica e na reprodução das estruturas sociais vigentes.

Pesquisar com crianças significa trazer as suas vozes para a ciência, trabalhar para que as crianças sejam ouvidas, consultadas e consideradas no meio científico, reconhecendo sua ausência na pesquisa social e sua posição epistêmica subalterna nas metodologias tradicionais. Incluir as crianças na pesquisa, no entanto, exige cuidado, uma vez que se corre o risco de tomá-las apenas como fontes singulares sobre a vida, em que seus saberes se tornam conteúdos isolados e reduzidos a fontes de análises.

De um ponto de vista crítico, Gaitán Muñoz (2018) aponta as dificuldades de uma sociedade centrada no adulto e que falha em conseguir entender os movimentos e dinâmicas de vida de crianças e jovens que configuram novas possibilidades de atuação destes na sociedade. A autora aponta que a Sociologia da Infância tem sido - desde seu surgimento como campo nos anos 1980 em meio aos movimentos por direitos das crianças - uma importante contribuição para o campo interdisciplinar da infância, ao compreender as crianças como atores sociais e reconhecer a infância como categoria estrutural da sociedade.

Isto permite confrontar perspectivas dominantes de produção do conhecimento, do saber e fundamentalmente com os modelos de participação da criança na sociedade. A proposição de escutar as crianças é também um posicionamento epistemológico que evidencia suas vozes, sentidos e linguagens como recursos fundamentais para a sua participação (ALDERSON, 2015).

Para obtenção das informações adotou-se o método da observação, que segundo SEVERINO (2007, p. 135) “É todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados.” E realizou-se a produção de desenhos com as crianças para obtenção dos dados desejados, e a partir da análise desses desenhos a conclusão dos resultados. As crianças foram convidadas a fazer desenhos de memórias da pandemia. Os desenhos serão apresentados ao longo do trabalho, e faremos algumas considerações a respeito dessa experiência de escuta.

As produções infantis, tais como os desenhos, são consideradas instrumentos importantes que integram as metodologias qualitativas de pesquisa com crianças (GOBBI, 2013). Os desenhos são apresentados a seguir

como parte central da experiência de escuta. Durante a construção da proposta e na sua materialização com as crianças, os pesquisadores cuidaram para assumir uma postura de negociação, respeitando as produções das crianças como parte de uma expressão singular, que mobiliza processos emocionais e afetivos, uma fonte de diálogo, de fala e de escuta de si mesmas, como poderá ser apreciado a seguir.

3. A expressão das crianças a partir do desenho: vivências na pandemia

A atividade de escuta foi construída como uma atividade pedagógica em sala de aula, como parte integrante da rotina das crianças, buscando criar espaços para uma iniciativa de escuta dos processos afetivos vividos por elas durante a pandemia, considerando, em particular, o período de confinamento social. A experiência foi desenvolvida em uma escola pública da Região Administrativa de Taguatinga-DF² e buscamos assegurar todas as questões éticas que envolvem as crianças, preservando suas identidades, bem como seu desejo de participar ou não da vivência. Em um primeiro momento, houve uma conversa com a equipe pedagógica da escola para levantar um possível interesse a respeito da proposta junto às crianças de suas turmas.

Uma vez manifestado o interesse por parte da docente que acolheu a dinâmica de escuta da turma, elaborou-se o primeiro contato com as crianças, momento em que se mencionou que se tratava de uma atividade para a universidade a qual estudamos. Foi notável o interesse pelo grupo de crianças, o convite as estimulou a participar. Após o primeiro contato e atendidas as formalidades, os pesquisadores marcaram um encontro com as crianças, e solicitaram que a professora perguntasse se elas queriam recebê-los: as crianças aceitaram com alegria o convite.

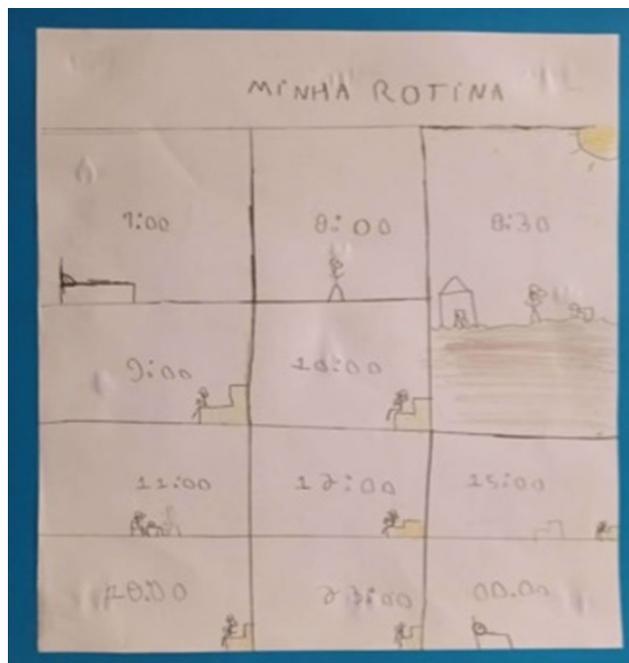
Em seguida, foi feita a comunicação com as famílias, para que autorizassem, ou não, as crianças, esclarecendo-as que primeiramente o consentimento deveria partir da criança, uma vez que elas seriam os verdadeiros agentes da pesquisa. Assim como seus responsáveis, as crianças que desejaram contribuir com suas expressões foram convidadas a confirmar sua concordância assinando o termo de aceite, o qual sinalizava o desejo de participação nesse percurso memorial sobre suas vivências durante a pandemia da Covid-19. As crianças foram consultadas sobre seu interesse em participar ou não do trabalho. Agradecemos a elas por sua disponibilidade e abertura em se engajar na atividade e expressar suas opiniões a respeito de suas vivências na pandemia, seus sentimentos, medos e estratégias criadas para lidar

com as mudanças em suas vidas. Foi realizada uma roda de conversa entre os pesquisadores e as crianças abordando as questões da pandemia.

No segundo momento as crianças foram convidadas a desenhar a partir da conversa e o questionamento: O que fizeram durante a pandemia? As crianças que se sentiram à vontade compartilharam os seus desenhos vivenciando um momento de partilha e socialização do que haviam desenhado. Relataram suas estratégias para romperem os obstáculos da socialização, como organizar pequenos encontros com primos e outros familiares próximos. As paisagens representadas nos desenhos mostram a casa, o quarto, o vídeo game, momentos de lazer, de diversão e partilha, mesmo que por meios eletrônicos. Em suas falas, ressaltaram o uso de dispositivos eletrônicos e as redes sociais para se comunicar com amigos. Mesmo assim, emerge o tema da monotonia, da falta do que fazer, como podemos ver na figura 1.

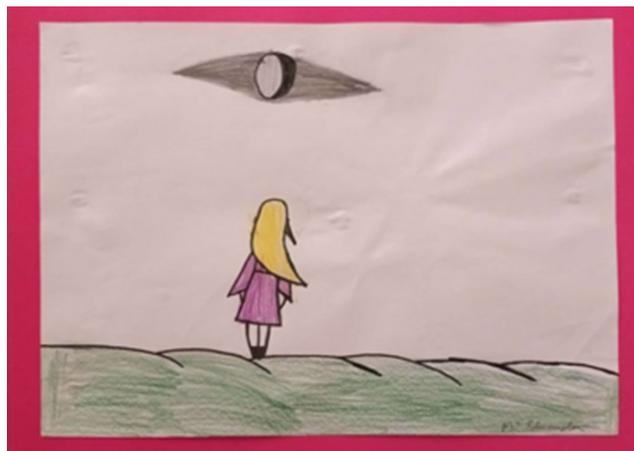
Desse modo, há uma multiplicidade de vozes e relatos de crianças que informam não só sobre a pandemia, mas sobre si, seus sentimentos, pensamentos e relações com o mundo desde um lugar próprio, falas das próprias crianças sobre como elas se sentem, ou sentiram, afetadas pelas novas realidades impostas pela pandemia, a restrição da vida social, da redução de espaços frequentados e como tais transformações foram elaboradas. São paisagens vividas e também imaginadas, afetos em movimento: o sonho de voltar à escola, um passeio pelo parque que por um momento se tornou impossível, as lembranças e memórias de brincadeiras

Figura 1: Desenho de Maria (nome fictício), 9 anos.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Figura 2: Desenho de Alice (nome fictício), 9 anos.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

com bola no gramado. As crianças não falam apenas de aspectos negativos, embora indiquem que sim, a solidão se fez presente, como vemos na figura 2.

Mesmo assim, nos diálogos e nos desenhos, elas mostram atitudes positivas diante da crise pandêmica. Muitas delas relataram se sentir seguras em casa com suas famílias, apesar de preocupadas com as situações de familiares. Mas não podemos desconsiderar como elas expressam que os impactos vão muito além da contaminação em si.

Nessa mesma perspectiva, Alanen (2020) chama a atenção não só para os desafios de saúde pública recentemente impostos pela conjuntura, mas, também, uma possibilidade de ampliação de abordagens científicas, ao evidenciar as complexidades da pandemia como um problema relacional. Não se trata de um objeto puramente biomédico – um vírus em circulação e sua ameaça biológica – e sim um processo particular de relações que integram vida social e vida biológica. Nesse sentido, a casa ganha um valor afetivo enorme, é um lugar de acolhimento, não só de confinamento. Muitas crianças optaram por representar seus quartos, seus brinquedos, como um importante espaço de suas rotinas, que representou mais do que apenas a sensação de sofrimento. Na figura 3 vemos um exemplo de como o quarto foi um assunto presente nos relatos e desenhos das crianças.

Tomando a pandemia como contexto particular, Cuevas-Parra (2020) destaca a importância de pensar meios e práticas de participação infantil em projetos de investigação e tomada de decisões sobre diferentes aspectos da vida e afirma a importância de criar meios de participação e engajamento das crianças nesse contexto de crise. A atividade feita com as crianças mostra que, ao abordar suas experiências e sentimentos a respeito da pandemia da Covid-19, elas expressam múltiplas relações nas quais se inserem concretamente. Destacam o núcleo familiar e as amizades, mas também evidenciam suas relações com a escola, com professoras e colegas. Mais do que fazer uma análise dos desenhos como conteúdos em si, ressaltamos

Figura 3: Desenho de Rafael (nome fictício), 9 anos.



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

como essas produções impulsionaram trocas e diálogos, expressões sobre diferentes dimensões da vida. Os desenhos das crianças, portanto, não são só produção, mas também o próprio processo de elaboração do vivido.

Considerações finais

Certamente estamos diante de um desafio de proporções enormes: olhar para os impactos da pandemia na vida das crianças exige um olhar complexo, que integre uma abordagem do problema desde um ponto de vista macroestrutural, com dados, números e panoramas que permitam respostas concretas. Ao mesmo tempo, também será necessário escutar os sujeitos, as próprias crianças, em relação aos desafios vividos concretamente por elas neste contexto. Em meio a um cenário de crise social, cabe ressaltar o valor da escola em seu papel de acolher as crianças e entender suas formas de lidar com a pandemia. Por isso mesmo reafirmamos a importância de práticas de escuta dentro da escola que sejam orientadas por uma ética do encontro com as crianças e com suas infâncias.

A condição pandêmica constitui um momento oportuno para evidenciar que tais práticas podem formular espaços de expressão das crianças integrada a um processo contínuo de diálogo. Partimos do contexto pandêmico para interrogar o mundo com as crianças, e não se resume a interrogar as crianças sobre o mundo. Não se trata de responsabilizar as crianças por encontrar as respostas, mas ajudá-las a indicar perguntas, questionamentos outros, que só elas podem formular desde a sua própria experiência vivida. Torna-se necessário aprender com as linguagens, tempos, significados das crianças, buscar a percepção de suas vozes que expressam suas demandas, afetos, sentimentos, estabelecer diálogos, pensar os desdobramentos da escuta: a escuta não como ato em si, isolado, mas como parte integrante de um diálogo em movimento. ■

Notas

- ¹ Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2022). Desigualdades e impactos da covid-19 na atenção à primeira infância. <http://www.fmcsv.org.br>
- ² Optamos por não incluir mais detalhes, como o nome da escola, para garantir o anonimato da identidade das crianças.

Referências

- ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, Aug. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a07v2691.pdf>
- ALANEN, L. A relational challenge to post-corona childhood studies. **Childhood**, v. 27, n. 4, p. 431-434, 2020. <https://doi.org/10.1177/0907568220945544>
- CEPAL. Comisión Económica para América Latina y el Caribe & Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia (UNICEF). **La educación en tiempos de la pandemia de covid-19**. Informe covid-19. 2020c.
- CUEVAS-PARRA, P. Co-researching with children in the time of covid-19: shifting the narrative on methodologies to generate knowledge. **International Journal of Qualitative Methods**, jan. 2020. <https://doi.org/10.1177/1609406920982135>
- DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro Editora (Série Pesquisa em Educação), v. 8, 140p. 2004.
- FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Desigualdades e impactos da covid-19 na atenção à primeira infância**. 2022. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br>. Acesso em 18 abril 2023.
- GAITÁN MUÑOZ, Lourdes. **Los Derechos Humanos De Los Niños: Ciudadanía Más Allá De Las Tres 'p.'** Sociedad e Infancias 2.0, 2018.
- GOBBI, Márcia. Desenhos e Fotografias: marcas indiciárias das culturas infantis. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n.79, p. 199-221, 2013.
- KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa, Ponta Grossa**, v. 15, e2016212, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092020000100129&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 abril 2023. Epub 02-Set-2020. <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.16212.067>
- MACEDO, Elina Elias de. Desigualdade e pandemia nas vidas das brasileiras e dos brasileiros. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1404-1419, dez./dez., 2020.
- PAIVA ALVES DE OLIVEIRA, L. Racionalidade tecnológica e a educação dos corpos infantis em tempos de pandemia. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 26, p. e36330, 2021. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.36330.
- SEVERINO, A.J. **Metodología do trabalho científico**. 24. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.
- SILVA, I. DE O. E. et al. A escola na ausência da escola: reflexões das crianças durante a pandemia. **Cadernos CEDES**, v. 42, n. Cad. CEDES, 2022.
- QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211. 2011.
- QVORTRUP, J. Visibilidades de crianças e infância. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, p. 23-42, 9 maio 2014.